

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ESTUDANTES DEMOCRÁTICOS NA UFC: UMA REFLEXÃO SOBRE A DIREITA ESTUDANTIL NA DITADURA MILITAR (1964-1965)

João Alexandre Jataí Alves

Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará

Contato: alexandre_alves_123@hotmail.com

Em 13 de fevereiro de 2019, o jornal online Carta Capital publicou uma matéria de opinião com o título “*A onda direitista chegou ao movimento estudantil. O que esperar?*”. Nele, a jornalista Mariana Lourenço disserta sobre a ação de grupos de direita que passaram a disputar espaços políticos com o movimento estudantil de esquerda, integrando chapas em pleitos eleitorais para entidades estudantis ou fazendo forte oposição as gestões de esquerda destas entidades. Os parágrafos iniciais da matéria expressão um tom de surpresa diante desta “mudança” que se processa dentro do movimento estudantil.

“Existe a impressão praticamente unânime em toda a sociedade brasileira de que o movimento estudantil, tão ativo nos anos de chumbo da Ditadura Militar e em outros períodos da história do país, é e sempre foi alinhado aos pensamentos e às entidades de esquerda.

Partidos de esquerda, em especial o PCdoB e sua UJS (União da Juventude Socialista), via de regra estiveram à frente da UNE (União Nacional dos Estudantes) – via mecanismos legítimos de votação e representatividade – se não sempre, quase sempre. Não apenas da UNE, mas também dos centros e diretórios acadêmicos das maiores universidades públicas e privadas do país. *Contudo, algo vem mudando.*

A direita entrou no jogo. Se a esquerda ainda mantém a *hegemonia* dentro da política que se faz nos meios universitários, *não está mais sozinha*. Movimentos de espectros ideológicos diferentes se posicionam em relação às polêmicas políticas do momento e articulam ações para promoverem seus pensamentos entre os estudantes.”. (Grifo meu).

Percebemos, pela abertura do texto da autora, que estes movimentos organizados por estudantes de direita são vistos como uma novidade, ameaçando uma hegemonia mantida pelos estudantes de esquerda nos espaços de representação dos estudantes, desde os tempos da ditadura. Ao longo do texto, que apresenta universidades onde diversas chapas ou grupos de direita possuíam ação destacada, somos levados a acreditar que a “onda direitista” chegou as universidades como uma consequência da ascensão da direita conservadora e do fascismo que culminou com a eleição de Jair Messias Bolsonaro para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a presidência da república, constituindo assim uma nova faceta da política estudantil, até então vinculada quase exclusivamente ao espectro ideológico de esquerda.

Este consenso parte de uma memória que foi sendo construída a partir da metade da década de 1980, que opunha de forma dicotômica a sociedade civil – vítima e resistência – contra as forças militares, responsáveis pela opressão e autoritarismo do regime instalado em 1964. Nesta construção dicotômica, o Movimento Estudantil figura como uma das forças de resistência mais importantes, mobilizando as memórias das grandes manifestações de massa, da repressão sobre a juventude e também daqueles que se descolaram para fazer parte da luta armada, no período após o AI-5.

Entretanto, a presença de grupos de estudantes de direita não é uma novidade na história do movimento estudantil. Arthur Poerner, responsável por uma das mais importantes obras de memória do movimento estudantil, *O Poder Jovem*, reconhece a presença de estudantes de direita em um momento importante da trajetória da UNE¹, quando um quadro de estudantes ligados a UDN² assumiu o controle da entidade, no início da década de 1950 (POERNER, 2004, pp. 168-169). René Dreifuss também aponta a presença de grupos estudantis de direita dentro do movimento estudantil no início da década de 1960, grupos estes financiados pelo bloco IPÊS/IBAD³, com objetivo de desarticular e desestabilizar o movimento estudantil de esquerda (DREIFUSS, 1981, pp.

1 União Nacional dos Estudantes – fundada em 1938, é o órgão máximo de representação estudantil no Brasil, organizando as ações do movimento estudantil e também dando o tom político para este movimento.

Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra/UNE>. Acesso em: 08/08/2021.

2 União Democrática Nacional – Partido fundado em 1945 que surgiu como oposição ao Estado Novo e ao getulismo, foi um dos principais partidos da direita conservadora entre meados dos anos 1940 até 1965, assumindo uma postura anticomunista na reta final da sua existência e apoiando o golpe de 1964, que culminou com a ditadura civil-militar.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-democratica-nacional-udn>. Acesso em 08/08/2021.

3 O Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPÊS) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), fundados em 1962 e 1959, respectivamente, foram organizações político-econômicas, com participação de setores da elite empresarial brasileira e com ligações com empresários estrangeiros, cujo objetivo era afastar uma suposta ameaça comunista e fortalecer o liberalismo econômico e político no Brasil, atuando em vários setores, que iam desde o financiamento de entidades cívicas para ações políticas contra o governo Goulart, até financiamento de candidatos de direita para o congresso nacional, passando por formações de militantes anticomunistas, criação e financiamento de campanhas publicitárias, dentre outras várias ações. Para saber mais a respeito: DREIFUSS, René Armand. *1964, A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis – RJ. Editora Vozes, 1981. Disponível

em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublicaO_Instituto_de_Pesquisa_e_Estudos_Sociais e https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublicaO_Instituto_Brasileiro_de_Acao_Democratica. Acesso em 08/08/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

282-290). Katya Braghini e Andrezza Cameski citam alguns grupos universitários autointitulados “democráticos” apoiaram movimentos civis contra João Goulart, organizando junto a Camde⁴ as famosas Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade (BRAGHINI; CAMESKI, pp 955-956).

Estes grupos e a atuação dos mesmos foi relegada, entretanto, ao esquecimento, em prol de uma identidade do movimento estudantil que representasse esta força de resistência à ditadura o que, se por um lado apresenta a força do movimento estudantil e sua trajetória de oposição ao regime militar, por outro, acabou por homogeneizar o imaginário sobre este movimento, deixando de lado questões e tensões dentro da própria categoria que abrem um leque de questões relevantes para ampliar a compreensão sobre os estudantes, suas relações políticas e sociais entre si, e mesmo a participação de entidades e movimentos civis em conjunto com as forças armadas para construção de um regime ditatorial.

Neste trabalho, procuramos analisar a ação da Comissão Universitária de Restauração Democrática – CURD —, grupo de estudantes “democráticos” cearenses que, no momento do golpe, trabalhou para confrontar os grupos de estudantes de esquerda, que estavam no controle das entidades estudantis e ditavam o tom geral da política do movimento estudantil cearense. Este grupo aliou-se com a Administração Superior da Universidade Federal do Ceará – UFC – e com elementos da ditadura, além de terem conseguido um espaço na mídia impressa cearense, onde divulgaram suas ações e suas diretrizes políticas. Esta aliança foi suficiente para manter estes estudantes no comando das entidades estudantes, num momento em quem gestão, classe estudantil e governo estavam alinhados em seus interesses.

Estudantes de Direita na Historiografia

A Comissão Universitária de Restauração Democrática integra um rol de associações de estudantes de direita ainda pouco estudadas pela historiografia da ditadura civil-militar. Estes grupos agiam nos mais variados espaços, dentro e fora da universidade,

4 Campanha da Mulher pela Democracia – Organização de mulheres de classe média e católicas, fundada em 1962, que se opunha ao governo de João Goulart e organizou, junto com outras entidades cívicas e empresariais, as Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade, movimentos de rua que reuniram vários elementos anti-Jango e a anticomunistas em geral.
Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/campanha-da-mulher-pela-democracia-camde>. Acesso em: 08/08/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fazendo oposição aos estudantes de esquerda em congressos e assembleias, denunciando para a imprensa escrita as atividades “subversivas” e “comunistas” de entidades estudantis e mesmo assumindo posturas fascistas e violentas, integrando grupos como MAC e o CCC⁵. Apesar de terem constituído considerável oposição ao ME de esquerda, a historiografia não dedicou muita atenção a estes grupos, aparecendo apenas de relance na obras de alguns autores, como os já citados Arthur Poerner e René Dreifuss, sem maior aprofundamento. Bráulio Ramalho cita as ações da CURD em sua obra *Foi Assim! O Movimento Estudantil no Ceará (1928-1968)*, ao traçar uma linha do tempo marcando os fatos mais importantes para o movimento estudantil no Ceará a partir de 1964, em sua visão. Entretanto, Ramalho não desenvolve qualquer análise a respeito do grupo, ficando apenas na citação dos fatos⁶ (RAMALHO, 2002, pp. 193-195).

Ao passo que faltam estudos mais densos a respeito das mobilizações da direita estudantil dentro da historiografia da ditadura, esta vem se mostrando cada vez mais interessada em compreender as ações da direita naquele período de uma forma mais ampla. Janaína Cordeiro produziu obra importante em 2008, a partir de sua dissertação de mestrado, não apenas para a compreensão das ações da Camde para o agravamento da campanha anti-Jango que culminaria com o golpe, mas também para a complexidade da construção de memória que se fez quando do fim da ditadura, que não só criou a dicotomia sociedade resistente versus regime opressor, como também colocou estas entidades cívicas em um espaço de esquecimento e silêncio, por vezes confortável e conveniente. A autora aprofunda ainda mais essa relação desconfortável da memória e do silêncio na sua tese de doutorado, de 2012, onde promove uma reflexão a respeito das mobilizações cívicas em torno da comemoração dos cento e cinquenta anos da independência do Brasil.

Também é de grande relevância o trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta, *As universidades e o regime militar*, de 2014. Motta faz um estudo de fôlego sobre as relações desenvolvidas entre os diversos setores e atores das universidades com o regime militar,

5 O Movimento Anticomunista (MAC) e o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) eram duas organizações de extrema direita, surgidas respectivamente em 1961 e 1964, cujo objetivo era combater movimentos de esquerda, aos quais identificavam de maneira generalizante como “comunista”. Usavam das mais variadas táticas de violência para oprimir estudantes e outras figuras de esquerda. O CCC foi, inclusive, um grupo formado por estudantes do Colégio Mackenzie e da Faculdade de Direito do largo do São Francisco. Para saber mais sobre o CCC, ver LIMA, Daniele Barreto. **O Comando de Caça aos Comunistas (CCC): do Estudante ao Terrorista (1963-1980)**. Dissertação (Mestrado). 2020, Pontifícia Universidade Católica – São Paulo.

6 Apesar da notável falta de interesse em aprofundar-se a respeito da Comissão e dos desdobramentos de suas ações, Bráulio Ramalho deu valiosa contribuição para esta pesquisa ao registrar em sua obra nomes de estudantes vinculados a CURD, os DA's que receberam a “restauração dos princípios democráticos”, bem como algumas fontes que, assim que, possível, serão consultadas para aprofundamento da análise.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as nuances destas realções e o que ele chamou de “jogos de acomodação”, uma delicada rede de negociações em que, em diversos momentos, agentes tanto do regime, quanto da resistência tiveram que conciliar seus objetivos em prol de resultados favoráveis (ou menos desfavoráveis) para ambos os pólos. Este universo de relações apresentadas por Motta foi de grande relevância para compreender, por exemplo, a relação que foi desenvolvida entre a Administração Superior da UFC e a Comissão, que trabalharam juntas na intervenção feita nas entidades estudantis da Universidade.

Em 2012, André Luiz Rodrigues de Rossi Mattos produziu interessante artigo sobre a Frente Juventude Democrática (FJD) e sua atuação durante o período da greve do 1/3⁷, mostrando a heterogeneidade existente dentro do movimento estudantil. Apesar de, no final da década de 1950, as forças de esquerda terem ascendido como uma potência dominante, haviam grupos com diversos posicionamentos políticos e ideológicos que conviviam, se confrontavam e tensionavam uns aos outros. Ao falar da presença de diversos grupos de esquerda dentro da UNE, Mattos destaca:

Para além do predomínio de uma ou outra força, houve a coexistência entre elas, tanto no interior da entidade, como no conjunto do movimento estudantil, assim como diferentes experiências associativas e políticas que se organizaram no interior das instituições de ensino. Essa diversidade já foi indicada por diversos autores e é importante para conceituar que o movimento estudantil não é imutável, e em diferentes conjunturas e sob a direção de diferentes forças políticas, ele pode assumir posições variadas ou mesmo, em certas situações, conciliar as concepções das tendências que se acomodam no interior da entidade, mas sem nunca perder de vista certa predominância de um ou outro grupo.

Mesmo dentro da esquerda, haviam tendências conflitantes dentro da UNE, que variavam em termos de predominância. E haviam também aquelas que estavam de fora do espectro da esquerda e fazendo oposição este. A medida que os grupos de esquerda foram se “radicalizando” e assumindo lutas mais abrangentes, os grupos oposicionistas também foram se radicalizando e se tornando cada vez mais ostensivos em suas ações. De acordo com Mattos, a FJD já se manifestava na imprensa desde 1958, através de um discurso anticomunista, que buscava associar as ações dos setores de esquerda do

7 A greve do 1/3 foi um movimento paredista mobilizado pela UNE, que paralisou e ocupou cerca de 40 universidades brasileiras, entre estaduais e federais, além de ter ocupado o prédio do próprio ministério da Educação. A greve foi motivada pelo desejo do Movimento Estudantil de forçar as Administrações Universitárias e implementar reforma estatutária que permitiria uma representação estudantil de cerca de 1/3 das vagas nos órgãos colegiados destas instituições, de acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), aprovada no fim de 1961.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

movimento estudantil com o imaginário construído sobre o comunismo como uma forma de prejudicar a imagem de seus desafetos políticos.

Este discurso anticomunista usado pela FJD foi utilizado também pela CURD, com o intuito de estabelecer em termos claros o antagonismo entre a Comissão e os então líderes do movimento estudantil naquele momento do golpe. De modo especial, destaco aqui o uso do termo *democrático*, presente nos nomes de ambas as organizações. As pesquisadoras Katya Braghini e Andrezza Cameski analisaram, em artigo de 2015, os discursos produzidos pela *Revista da Editora Brasil S/A*, periódico educacional e conservador, que durante o período da ditadura produziu artigos sobre os modelos de estudantes e de juventude. Neste artigo, as historiadoras analisam a dicotomia entre os estudantes democráticos e os estudantes subversivos:

Os discursos sobre a juventude eram conteúdos ideologizados, que repetiam de forma incessante a ideia de que alguns jovens estudantes brasileiros eram “subversivos” e “comunistas” e que, em contrapartida, outros tantos jovens eram “bons estudantes” e dignos de exemplo. Os documentos partiam da ideia de que a subversão era um malefício que qualificava os jovens observados e criticados. Essa palavra foi tornada lugar-comum, usada como forma de apagamento de outros atributos desses estudantes. (BRAGHINI; CAMESKI, 2015, pg. 948)

Se o termo “subversivo” fora usado intensamente para qualificar jovens estudantes que se posicionavam contra o status quo e apoiavam as políticas reformistas de Jango, o termo “democrático” fora utilizado para caracterizar os estudantes que correspondiam ao perfil que os editores da *Revista da Editora Brasil S/A* julgavam como o de “bons estudantes”: aqueles que respeitavam a ordem e a autoridade e, sobretudo, não se envolviam em ações políticas ostensivas. A CURD nomeava seus membros de “democráticos” para se distanciarem dos estudantes tidos como subversivos e como estudantes profissionais, mas também por eles mesmos procurarem encarnar este modelo de juventude idealizada por uma determinada parcela da elite conservadora, representada pela *Revista da Editora Brasil S/A*.

A ação da Comissão Universitária de Restauração Democrática

É importante salientar que ainda são poucas as fontes nas quais podemos acompanhar ações da Comissão durante o período imediatamente posterior ao golpe de 1º

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de abril de 1964. As fontes utilizadas aqui são periódicos da época, em especial o *Correio do Ceará*⁸, publicação que fazia parte dos Diários Associados. Além destas, utilizei Atas do Conselho Universitário da UFC, Boletins da Universidade, além de documentos da Comissão de Inquérito da Universidade do Ceará, que funcionou entre junho e agosto de 1964. Estes fragmentos estão longe, entretanto, de fornecer um quadro completo das atividades destes estudantes e, devido as condições de saúde pública nas quais nos encontramos no momento em que este trabalho é produzido, tornam dificultosas maiores investigações sobre o assunto.⁹

O primeiro registro da Comissão nas fontes consultadas data e 3 de abril de 1964, em Ata do Conselho Universitário¹⁰ que, naquele momento, encontrava em reunião extraordinária. Na ocasião, foi trazido ao conhecimento do Conselho um manifesto de alunos da Faculdade de Medicina. O Manifesto tinha o seguinte teor:

a) discrepar radicalmente de qualquer ordem ou insinuação da UNE, UEE e eventualmente até do DCE, quanto a possibilidade de greve estudantil; b) considerarem-se os estudantes democráticos, signatários do manifesto e alunos da Faculdade de Medicina, desvinculados das duas primeiras entidades estudantis mencionadas; c) manifestar em público, através da imprensa, apoio e aplauso as Forças Armadas; d) Concitar a classe estudantil a definir-se e cerrar fileiras pela causa democrática. (CONSUNI, 03/04/1964).

Este manifesto, cujo os assinantes não foram nomeados na dita reunião, recebeu “inteira aprovação” do então diretor da Faculdade de Medicina, professor Ocelo Pinheiro. Segundo o mesmo, “o movimento que substituíra os quadros políticos da Nação constituía um verdadeiro milagre, libertando o povo brasileiro da ameaça de bolchevização, que se tornava cada vez mais iminente” (CONSUNI, 03/04/1964).

8 De acordo com o historiador Frederico de Andrade Pontes, este periódico “possuía modernos elementos gráficos e editoriais. Possuía também um quadro de jornalistas bastante ligados a intelectualidade cearense, como o seu diretor, Eduardo Campos e o seu editor Murilo Mota, os dois pertencentes à Academia Cearense de Letras/ACL” (PONTES, 2014, pg 88). O autor ainda ressalta que o jornal parecia ter independência em relação aos grupos políticos locais, apesar de, aparentemente, ter apoiado o regime civil-militar e a CURD.

9 Devido a Pandemia de Covid-19, que alastrou-se pelo país no início de 2020, a Biblioteca Pública do Ceará, onde se encontra o acervo hemerográfico no qual esta pesquisa se iniciou, foi fechada e assim permanece até o momento da produção deste trabalho (08/08/2020). Infelizmente, este acervo não encontra-se digitalizado para consulta, o que dificulta o processo de pesquisa.

10 O CONSUNI – Conselho Universitário – É um órgão colegiado e deliberativo responsável pelo comando da UFC. Em 1964, o CONSUNI era formado pelos diretores de cada uma das instituições que faziam parte da UFC, juntamente com um representante de cada uma das respectivas congregações de professores catedráticos, o presidente do Diretório Central dos Estudantes – DCE —, sendo presidida pelo reitor da universidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O manifesto foi divulgado na imprensa escrita do Ceará no dia 06/04/1964, acrescido de outros pontos e assinado pela Comissão Universitária de Restauração Democrática, cujo o presidente era o então Acadêmico de Direito Joaquim de Alencar Bezerra¹¹. A CURD anunciava seu projeto de reforma, ou restauração, das entidades de representação estudantil, “de acordo com os princípios democráticos” e convocava a classe estudantil para apoiá-los nesta empreitada.

Nos mesmos periódicos no qual o manifesto da Comissão foi publicado, também foi noticiado a invasão da sede da UEE por estudantes pró-regime, apoiados pelas forças armadas. Lá, segundo a notícia, foi recolhido “material subversivo”, que consistiria de cartazes contra o golpe estabelecido. Os estudantes entregaram o material citado para agentes da 10ª Região Militar (Correio do Ceará, 06/04/1964). A comissão então usa esta manobra para ocupar a UEE e convocam, no dia 8 de abril, uma assembléia geral dos estudantes, que realizou-se no dia 9 de abril, com a presença, segundo a fonte, de mil e seiscentos estudantes, e que confirmou a Comissão Universitária de Restauração democrática como gestão legítima da UEE (Correio do Ceará, 08/04/196 e 10/04/1964).

Até o momento, não foram achadas outras fontes que comprovassem ou contestassem esse número de membros na citada assembleia do dia 9 de abril. Considerando que, de acordo plano de desenvolvimento de 1966, documento elaborado pela reitoria de Universidade, o total de alunos em 1965 era de 3.964, o número alegado pelo jornal chega a quase metade dos estudantes da UFC. Também não tive acesso, até o momento, de como ocorreu esta assembleia, que se processou na Faculdade de Direito, o que impede de saber qual foi o teor das discussões promovidas nesta assembleia. É de fato impressionante que uma quantidade tão grande de estudantes tenha manifestado apoio a uma proposta de reforma completa das entidades representativas sem que isto tenha gerado um debate acalorado entre os presentes. Além disso, a notícia do *Correio do Ceará* afirma que:

“Os mil e seiscentos universitários presentes fizeram questão de salientar a posição das Forças Armadas, como guardiãs dos princípios democráticos e cristãos do povo do Brasil. Os estudantes aplaudiram, em tôda linha, a posição

11 Joaquim de Alencar Bezerra foi presidente por dois mandatos do Diretório Acadêmico Clóvis Beviláqua, da Faculdade de Direito. Após sua passagem pela União Estadual dos Estudantes, como interventor, tornou-se deputado estadual pelo ARENA/PI, cargo que ocupou até meados dos anos 1970. Posteriormente, tornou-se professor universitário na Universidade Federal do Piauí. Sua atuação política é controversa, dado que alguns documentos do Serviço Nacional de Informação o apontam como “crítico do governo” e também o acusam de ter se beneficiado de fraudes (BRASIL, 11/051976).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das Forças Armadas neste processo de restauração democrática.” (Correio do Ceará, 10/04/1964).

Mesmo que os números e a noção de unanimidade passada pela matéria gerem desconfiança, a força que o movimento estudantil de direita ganhou com a conjuntura repressiva foi grande. O espaço conquistado na mídia impressa já sinaliza que o grupo tinha certo prestígio junto com a opinião pública, a despeito da ausência de fontes que indiquem qualquer ligação da Comissão com os jornais citados.

De fato, após esta assembleia, a CURD iniciou seu processo de “restauração dos princípios democráticos” dos Diretórios Acadêmicos e do próprio DCE. Na Ata da Reunião do Conselho Universitário, de 23 de abril de 1964, o reitor Antônio Martins Filho empossava, como Conselheiro Universitário, o novo presidente do DCE, Sérgio Moreira Duque, após uma renúncia em massa da Gestão de vários DA’s e do próprio DCE em um processo eleitoral no mínimo dúbio. No momento de sua posse, Sérgio Moreira Duque teve sua “formação moral e ideológica” pelo professor Fernando Leite, Diretor da Faculdade de Odontologia. Em seu projeto de gestão, Sérgio Moreira Duque anunciou uma série de medidas assistenciais aos estudantes, dentre elas, a criação de uma livraria universitária, para vender aos estudantes livros a preço de custo. (CONSUNI, 23/04/1964)

Em um espaço de treze dias após a assembleia convocada pela CURD, gestões democraticamente eleitas de entidades estudantis renunciavam em massa e novas assumem, em um processo eleitoral obscuro, o qual não obtive fontes que apresentassem o modo como ocorreram. Entretanto, em um depoimento para a Comissão de Inquérito da UFC datada de 2 de junho de 1964, o Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Pe. Francisco Batista Luz relata o seguinte:

“Que adotou todas as providências ao seu alcance para a redemocratização do Diretório Acadêmico, obtendo, depois de várias conversações à renúncia coletiva do antigo Diretório. Foi organizado uma chapa para disputar a renovação do Diretório, mas antes do início da votação recebe uma convocação do Reitor Martins Filho para que suspendesse a referida eleição, Chegando à Reitoria é informado pelo Reitor que evitasse aquela eleição pois na chapa figurava o nome de um elemento de esquerda, cujo nome não lhe foi revelado. Esclarece que o Presidente investido na UEE, acadêmico, Joaquim Alencar Bezerra, teve com o depoente dois encontros para tratar da renovação do Diretório. Com a redemocratização que se operou no Diretório Central dos Estudantes, o processo de redemocratização do Diretório da Faculdade de Filosofia, ficou a cargo do DCE.” (Universidade do Ceará, 20/06/1964).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ainda não é possível afirmar se este mesmo processo de coação e cooptação ocorreu nas outras unidades acadêmicas. Entretanto, este depoimento nos dá um panorama da ação conjunta entre os estudantes de direita e a Administração Superior, em seus mais altos quadros, para o controle do movimento estudantil de esquerda. No caso do DA da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a intervenção ocorreu de forma direta, envolvendo até mesmo o reitor Martins Filho, com objetivo de colocar no comando da entidade uma diretoria que fosse alinhada com os projetos do regime e da própria Administração Superior.

Considerações Finais

São diversos os questionamentos que pairam a respeito Comissão, de suas ações e também das suas relações, fosse com a mídia, com a Administração Superior da UFC ou com a ditadura. Faltam os nomes e a quais cursos pertenciam os membros da CURD (além dos já citados cursos de Medicina e Direito). A dimensão das relações entre as Forças Armadas e a Comissão permanece nebulosa. Bráulio Ramalho afirma que os estudantes invadiram a UEE com auxílio do exército (RAMALHO, 2002, pg. 193) mas a fonte é no mínimo confusa a respeito, não deixando claro se os estudantes estavam de fato participando da invasão, ou apenas denunciaram a UEE para que as Forças Armadas invadissem o local. Partindo da primeira hipótese, as ações da Comissão encontraram um apoio considerável do exército.

Vale também questionar o caráter que os “princípios democráticos” assumem no discurso e no projeto da Comissão. Para além da dialética anticomunista empregada por estes jovens reacionários, na intenção de se diferenciarem dos estudantes de esquerda e também em encarnar esse projeto de juventude advogado por setores mais conservadores da sociedade, não fica exatamente claro, na proposta da CURD, o que são, de fato, estes princípios democráticos, nomenclatura que, ao menos em primeira instância, parece existir apenas para antagonizar os assim chamados “comunistas”.

A relação entre a CURD e a Administração Superior da UFC foi bastante frutífera para ambas as partes. Ora, se por um lado os estudantes “democráticos” conseguiram alçar-se dentro da hierarquia política estudantil, por outro a Gestão livrou-se de uma oposição incômoda e ativa, que já vinha questionando as suas ações e atitudes desde, pelo menos, 1960, sendo a grave do 1/3 um episódio de clímax das tensões vividas entre o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

movimento estudantil e o alto escalão da Universidade. Entretanto, esta aliança não foi suficiente para prevenir que, no início de 1965, as cadeiras para representantes estudantis nos órgãos colegiados da UFC fossem reduzidos drasticamente, de cerca de um terço das vagas, para apenas dois representantes. Esta redução, que veio a partir da adaptação do Estatuto da Universidade à Lei Suplicy de Lacerda¹², gerou revolta em Sérgio Moreira Duque, que chegou a afrontar o Conselho Universitário, atitude esta que lhe rendeu a expulsão deste conselho. O curioso, e também irônico, é que Moreira Duque estava defendendo uma conquista advinda da Greve do 1/3, provocada pelos mesmos estudantes de esquerda que o presidente do DCE ajudou a derrubar¹³.

Apesar da existência de lacunas e de questões cujo estudo mais aprofundado, a investigação de grupos de estudantes de direita dentro do Movimento Estudantil aprofunda o conhecimento dentro do tema, rompendo com a memória – *a impressão praticamente unânime* – como citou Mariana Lourenço em sua matéria, de que o ME sempre esteve alinhado, de forma homogênea, com as pautas da esquerda. Este tipo de pensamento é simplificador e restringe o Movimento apenas a alguns grupos dentro desta vasta e plural organização, que é tão cheia de contradições e conflitos quanto qualquer outra. Assim, os estes estudos abrem um leque de possibilidades que amplia a visão da história sobre a participação dos estudantes – e da juventude em si – em contextos de repressão.

Referências

Fontes:

LOURENÇO, Mariana. **A onda direitista chegou ao movimento estudantil. O que esperar?** In: *Carta Capital*. 13 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-onda-direitista-chegou-ao-movimento-estudantil-o-que-esperar/>. Acesso em 02/08/2021;

12 Lei nº 4.464/64, conhecida como Suplicy de Lacerda, versava sobre as questões da representação estudantil dentro das instituições de ensino superior. A lei decretou o fim da UNE e das UEE's, instituindo em seu lugar o DNE e o DEE, além de restringir a participação estudantil dentro dos órgãos de decisão das universidades (Congregações, Departamentos e Conselhos Universitários). Seu teor autoritário conseguiu desagradar até mesmo os estudantes de direita, apoiadores do regime e do ministro Lacerda.

13 Sérgio Moreira Duque, na qualidade de presidente do DCE, participou da Comissão de Inquérito da UFC, instaurada pela portaria nº 155, de 5 de maio 1964, como membro de uma subcomissão designada para investigar exclusivamente as ações ditas “subversivas” dos estudantes da UFC. Além disto, ele e Joaquim de Alencar Bezerra participaram como depoentes, denunciando tanto estudantes, quanto professores e funcionários administrativos da Universidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BRASIL. ACE Nº 1267/82. Juízo Sintético nº118/115/AFZ/76. 11 de maio de 1976;
“**Polícia Apura: UNE recebeu 300 milhões de cruzeiros da SUPRA**”. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 3 de abril de 1964;
“**Material subversivo encontrado na UNE e entregue a militares**”. _____, Fortaleza, 6 de abril de 1964;
“**UEE: Comissão Universitária de Restauração Democrática**”. _____, Fortaleza, 6 de abril de 1964;
“**Universitários Decidirão Destino da UEE**”. _____, Fortaleza, 8 de abril de 1964;
“**Reorganização dos Diretórios Acadêmicos na Linha dos Princípios Democráticos**”. _____, Fortaleza, 10 de abril de 1964;
COSUNI. **Ata da 142ª reunião extraordinária**, 3 de abril de 1964;
_____. **Ata da 98ª reunião ordinária**, 23 de abril de 1964;
_____. **Ata da 157ª reunião extraordinária**, 23 de outubro de 1964;
_____. **Ata da 166ª reunião extraordinária**, 08 de janeiro de 1965;
Universidade do Ceará. **Relatório da Subcomissão de Inquérito**. Fortaleza, 20 de julho de 1964;

Bibliografia:

BRAGHINI, Katya Zuquim. CAMESKI, Andrezza Silva. “**Estudantes Democráticos**”: A atuação do movimento estudantil de “direita” nos anos 1960. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v.36, nº 133, p.945-962, 2015.
CORDEIRO, Janaína Martins. **A Nação que salvou a si mesma. Entre memória e História, a campanha da mulher pela democracia (1962-1974)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.
MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime militar: política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
POERNER, Arthur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. - Rio de Janeiro: Booklink, 2004.
PONTES, Frederico de Andrade. **Do C.E.U ao Inferno: O Movimento Estudantil Universitário no Ceará (1956-1964)**. 2014. Dissertação (Mestrado Acadêmico), Universidade Estadual do Ceará.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROSSI MATTOS, André Luiz Rodrigues de. **A Frente da Juventude Democrática contra a esquerda estudantil durante a greve universitária de 1962.** In: Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP—Campinas, setembro, 2012.